

# Anais do Congresso Latino-Americano de Gênero e Religião

anais.est.edu.br/genero

ECOLOGIA | ECONOMIA | ECUMENISMO



## CARTAS PEDAGÓGICAS: PERCEPÇÕES DA SORORIDADE EM TEMPOS DE CRISE\*

Pedagogical Letters: Sorrow Perceptions in Times of Crisis

Luciane Rocha Ferreira  
Roberta Soares da Rosa

### Resumo

Em tempos de crise é fundamental que mobilizemos esforços: metodologias, dimensões e conceitos fundamentais que qualifiquem nossa ação para os enfrentamentos necessários. Em cenário de golpe político, carecemos de inspiração para a exigente transpiração que é pensar(se) com vistas a transformação de si e dos mundos que nos atravessam e que diversas formas nos negam. Neste contexto, compartilharemos um relato de experiência que se deu no Projeto Ações Integradas de Economia Solidária (São Leopoldo/2014-2016). Como educadoras populares, inspiradas pela Educação Popular freireana e pelo conceito de sororidade (LAGARDE), traremos a experiência das cartas pedagógicas como instrumento que inspiram a luta por um olhar mais solidário sobre “ser mulher”.

**Palavras-chave:** Economia Popular Solidária. Sororidade. Cartas Pedagógicas.

### Abstract

It is important, in times of crisis, the mobilization efforts, such as: methodologies, dimensions and key concepts that qualify our action for the eventual confrontations. In a context of political coup, it's clear the lack of inspiration for the demanding of thinking for the self-transformation and of the worlds that cross us, which, in many forms, deny us. In this context, we are going to share an experience report that took place in the Projeto Ações Integradas de Economia Solidária (São Leopoldo/2014-2016). Then, as popular educators inspired by Freire, and his Popular Education, also by the concept of sorority (LAGARDE), we present the pedagogical letters' experience as an instrument that inspires our struggle for a more sympathetic look at "being woman".

**Keywords:** Popular Solidary Economy. Sorority. Pedagogical Letters.

---

\* Recorte de uma pesquisa de Doutorado em Educação (2014-2018) produzida no Programa de Pós Graduação em Educação (PPGEdu) da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS), financiada pela CAPES-Taxa, intitulada “Educação em Economia Popular Solidária: Experiências pedagógicas que libertam?”; orientada pelo professor Doutor Telmo Adams.

## Considerações Iniciais

Este relato de experiência compartilha sentidos e significados produzidos em torno da construção de si que foram mobilizados a partir de mediações pedagógicas populares durante um processo de formação/educação em Economia Solidária. Neste processo, a educação solidária foi um princípio básico para (re)significação do mundo a partir de dimensões vitais para manutenção da vida das pessoas envolvidas.

A Educação Popular freireana<sup>1</sup> – inspiração para elaboração das Cartas Pedagógicas - a epistemologia feminista existencial<sup>2</sup> em diálogo com o paradigma (des)colonial e com a dimensão da sororidade<sup>3</sup> formam a base teórica e metodológica privilegiada desta construção. O paradigma (des)colonial nasce de um intenso movimento teórico baseado na luta política de (re)significar as estruturas epistemológicas e ontológicas que condicionam a compreensão de mundo:

[...] não é apenas uma questão de descolonização do colonizado, mas também (e talvez, fundamentalmente) o colonizador que tem as rédeas do controle da economia e da autoridade. No final, é uma questão de libertar-se da matriz colonial de poder que sujeita o colonizador e o colonizado. Pois estes são os processos de descolonização - desviando-se, desconectando-se, desvinculando-se da matriz colonial de poder<sup>4</sup>.

Embora o artigo não tenha o propósito de problematizar esta realidade, ela está presente nas entrelinhas desta construção. Para a pesquisa engajada com os contextos, pessoas e grupos sociais envolvidos no processo, este reconhecimento histórico de nossa constituição enquanto povo Latino-Americano é fundamental. É uma postura que provoca a reconstrução de conceitos e práticas, de abertura epistemológica para diálogos necessários que ajudem a romper com as lógicas eurocêntricas de manutenção do poder do saber.

<sup>1</sup> Com base nas seguintes obras de Paulo Freire: FREIRE, Paulo. *Cartas a Guiné-Bissau: registros de uma experiência em processo*. 2 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978; \_\_\_\_\_. *Pedagogia da Autonomia - Saberes Necessários à Prática Educativa*. 36 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996; \_\_\_\_\_. *Pedagogia da indignação: cartas pedagógicas e outros escritos*. São Paulo: Editora UNESP, 2000; \_\_\_\_\_. *Conscientização: teoria e prática da libertação: uma introdução ao pensamento de Paulo Freire*. São Paulo: Centauro, 2001; e \_\_\_\_\_. *Ação cultural para a liberdade e outros escritos*. 13 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2010.

<sup>2</sup> BEAUVOIR, Simone de. *Segundo sexo: fatos e mitos*. 4 ed. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1970.

<sup>3</sup> LAGARDE, Marcela. Sororidad. In: CASTRO, Amanda Motta; MACHADO, Rita de Cassia (Orgs.). *Estudos Feministas, mulheres e Educação Popular*. Curitiba: CRV, 2016a, p. 25-33; \_\_\_\_\_. Enemistad y sororidad: Hacia una nueva cultura feminista. In: CASTRO, Amanda Motta; MACHADO, Rita de Cassia (Orgs.). *Estudos Feministas, mulheres e Educação Popular*. Curitiba: CRV, 2016b, p. 35-66.

<sup>4</sup> FANON, Frantz. *Os Condenados da Terra*. Coleção Perspectivas do Homem, vol. 42, Série Política. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968, p. 22-23. (Tradução nossa)

Apresentamos a carta pedagógica como estratégia de mobilizar a (auto)reflexão crítica sobre dimensões elementares à vida. O texto está organizado em três momentos: O lócus da pesquisa - Projeto Ações Integradas de Economia Solidária; Delineação do paradigma e das epistemologias (des)coloniais; As Cartas Pedagógicas: anúncios duma sororidade libertadora. Entendemos esta como uma experiência sororal que promove (des)encontros significativos com si, com a outra e com os mundos vividos..

### **Da experiência - lócus da pesquisa:**

É importante para início de conversa situar em que perspectiva a *experiência* é percebida neste estudo. A leitura fenomenológica existencial<sup>5</sup> que nos inspira ensina que a *Experiência* é a base de todo conhecimento humano, pois:

Tudo o que sei do mundo, mesmo devido à ciência, o sei a partir de minha visão pessoal ou de uma experiência do mundo sem a qual os símbolos da ciência nada significariam. Todo o universo da ciência é construído sobre o mundo vivido e se quisermos pensar na própria ciência com rigor, apreciar exatamente seu sentido, e seu alcance, convém despertarmos primeiramente esta experiência do mundo da qual ela é a expressão segunda<sup>6</sup>.

As experiências são o que temos de objetivo (concreto) no mundo. A relação que estabelecemos conosco, com os outros e com o mundo é mediatizada pelas experiências vividas. Não se dão no vazio. Neste sentido, entendemos que a questão fundamental da alienação humana encontra-se na reificação do tecido social assentado sob bases abstratas que não representam a objetividade das existências. Não partem da existência, mas de construções discursivas ideológicas maquiadas, reproduzidas a partir de uma ideia baseada em critérios classificatórios questionáveis (raça, gênero, classe, sexo, religião, geracional).

É neste território ambíguo, sectário, machista, classista, homogeneizado e carente de vida que transitamos; realidade que precisa ser enfrentada e questionada; onde podemos tecer um processo engajado de conscientização, entendendo que:

A consciência do mundo e a consciência de mim me fazem um ser não apenas no mundo, mas com o mundo e com os outros. Um ser capaz de intervir no mundo e não só de a ele me adaptar. É neste sentido que mulheres e homens interferem no mundo enquanto os outros animais apenas mexem nele. É por isso que não apenas

<sup>5</sup> MERLEAU-PONTY, Maurice. *Fenomenologia da Percepção*. Trad. Reginaldo di Piero. São Paulo: Edições Gallimard, 1971.

<sup>6</sup> MERLEAU-PONTY, 1971.

temos história, mas fazemos a história que igualmente nos faz e que nos torna, portanto históricos<sup>7</sup>.

### **Projeto Ações Integradas de Economia Solidária (EcoSol)**

O projeto foi executado pela Prefeitura de São Leopoldo/RS, através da Secretaria de Desenvolvimento Econômico e Tecnológico (SEDETEC), em parceria com o Fórum Municipal de Economia Solidária; financiado pela extinta Secretaria Nacional de Economia Solidária (SENAES-MTE). Teve a duração de 30 meses (2013-2016), e ofereceu cursos de qualificação profissional (160 horas técnicas e 40 horas teóricas) na área de Gastronomia, Artesanato, Customização de Roupas e Acessórios, Camisetas Temáticas, Bijuterias, Acolchoados e Almofadas Manuais e Churrasqueiro.

O público-alvo do projeto foram as/os integrantes dos grupos de Empreendimentos Econômicos Solidários (EES) já existentes da cidade de São Leopoldo/RS, pessoas em situação de desemprego e inscritas em programas de combate a pobreza do Governo Federal (maioria mulheres). Estas oficinas foram realizadas nas Regiões Norte, Nordeste e Oeste do referido Município.

### **Objetivo Geral do Projeto Ações Integradas de EcoSol**

Transformar a situação de extrema pobreza desenvolvendo um processo de formação humana, capacitação profissional e inclusão produtiva a partir de ações integradas de Economia Solidária envolvendo os públicos participantes dos programas sociais do governo municipal e grupos existentes e/ou em formação de economia solidária.

### **Objetivos Específicos do Projeto Ações Integradas de EcoSol**

- ✓ Desenvolver um processo permanente de formação humana com vistas à elevação dos conhecimentos, escolaridade e autoestima das pessoas participantes do projeto.
- ✓ Desenvolver um processo de formação visando constituir agentes de desenvolvimento local.
- ✓ Desenvolver cursos de capacitação profissional aos participantes do projeto.
- ✓ Desenvolver um processo de reinserção dos participantes no mundo do trabalho.

---

<sup>7</sup> FREIRE, 2000, p. 6.

- ✓ Desenvolver ações de fomento a formação de novos Empreendimentos Econômicos Solidários.
- ✓ Adquirir equipamentos para os grupos de economia solidária, existentes e/ou em formação.

Com estas metas no horizonte foram organizadas equipes de Agentes de Desenvolvimento Local (07 mulheres e 01 homem), contratado serviços do SENAC para execução dos cursos de capacitação nas áreas já mencionadas e convidadas as educadoras e educadores populares para trabalhar os conteúdos sobre a EcoSol, seus princípios e organização dos novos ESS.

Este relato de experiência nasce da atuação das autoras nesta última etapa onde articulamos o planejamento integrado e as mediações pedagógicas e educativas de forma sintonizada com as epistemologias existenciais, populares, (des)coloniais. O trabalho acontecia uma vez por semana, quatro (04) horas diárias, com cada turma de 12 a 20 alunas/os (40hs = 10 encontros). Os conteúdos trabalhados estavam organizados em torno de sete eixos: Relações Interpessoais; Comunicação; Ética e Liderança; Mercado de Trabalho; Construção Social de Nossa Realidade; Economia Solidária e Formação de um Empreendimento de Economia Solidária.

Contudo, a abordagem popular freireana transcendeu tais temáticas, fez mobilizar os conteúdos da vida, das necessidades básicas e dos projetos de vida de cada uma e cada um. Nesta perspectiva, as temáticas programáticas ganharam outros contornos, conhecimentos do cotidiano que foram registrados de modo simples, mas profundo nas Cartas Pedagógicas introduzidas como proposta de avaliação final do processo educativo. Estas serão partilhadas mais a frente, na última seção deste artigo.

### **Do paradigma de educação e das epistemologias (des)coloniais**

Nosso objetivo neste momento é apresentar alguns delineamentos teóricos que deram sustentação a construção metodológica. Dado os limites deste artigo, não procederemos em maiores análises, mas abrimos o diálogo e a provocação para que outras leituras possam ser tecidas, entre convergências e/ou divergências, ampliando as possibilidades polissêmicas e desafiantes destas perspectivas paradigmáticas.

Uma dimensão importante da Educação Popular que nos inspira é a capacidade humana de “que quanto mais somos capazes de desvelar a razão de ser de porque somos como estamos sendo, tanto mais nos é possível alcançar também a razão de ser da realidade em que estamos, superando assim a compreensão ingênua que dela possamos ter.”<sup>8</sup> Neste sentido, “a liberdade só adquire plena significação quando comunga com a luta concreta dos homens por libertar-se.”<sup>9</sup>

Com esta compreensão como pano de fundo, as Diretrizes da Educação em Economia Solidária assumem enquanto base a promoção “[...] de ações político-pedagógicas inovadoras, autogestionárias e solidárias, fundamentadas na perspectiva emancipatória de transformação dos sujeitos e da sociedade.”<sup>10</sup> Um de seus objetivos, nesta perspectiva, é a promoção de processos de produção do conhecimento a partir da sistematização e do exercício de *ação-reflexão-ação* sobre a própria realidade.

Dentro destes processos, os movimentos produzidos pela imersão/emersão sobre a própria realidade foram base para destacar os conteúdos da vida. A nossa prática educativa foi permeada por esta dinâmica complexa e contraditória, mas rica de possibilidades. Dentre elas encontramos-nos com a dimensão da sororidade:

Os elementos centrais da irmandade são a identificação entre as mulheres como similar [...] a identificação positiva entre as mulheres como pertencente a algo em comum: o sexo feminino eo gênero das mulheres. A necessidade da aliança de gênero [...] a valorização das mulheres a partir do reconhecimento da igualdade e diferença, diversidade e especificidade [...]<sup>11</sup>

Este reconhecimento foi a trama privilegiada para promoção dos (des)encontros entre saberes, mundos, medos, anseios; como também de projetos de vida e de trabalho. Foi com base nestes conteúdos da vida, da necessidade comum, das aproximações viscerais do ser mulher, pobre, desempregada, negras e não brancas e chefes de família que foi sendo tecido o processo pedagógico sobre si e sobre nossas similitudes banhadas de diversidades.

---

<sup>8</sup> FREIRE, 2010, p. 103.

<sup>9</sup> FREIRE, 1996, p. 17.

<sup>10</sup> BRASIL. *Termo de Referência de Educação em Economia Solidária* – Recomendação nº 08, de 04 de julho de 2012, p. 7.

<sup>11</sup> LAGARDE, 2016b, p. 26. (Tradução nossa)

## As Cartas Pedagógicas: anúncios duma sororidade libertadora

Para desenhar esta metodologia popular foi preciso pensar junto com as pessoas que participaram do processo formativo/educativo algumas dimensões fundamentais. Algumas já abordamos: a base dialógica da Educação Popular freireana (Rodas de Conversa), a perspectiva da fenomenologia existencial (incluindo a epistemologia feminista existencial); a relação ontológica com o paradigma (des)colonial.

Outra dimensão fundamental trata-se da compreensão do ser mulher problematizada a partir da construção social heteroconstruída que a definiu:

[...] como o que o homem decide que seja; daí dizer-se o ‘sexo’ para dizer que ela se apresenta diante do macho como um ser sexuado: para ele, a fêmea é sexo, logo ela o é absolutamente. A mulher determina-se e diferencia-se em relação ao homem e não este em relação a ela; a fêmea é o inessencial perante o essencial. O homem é o Sujeito, o Absoluto; ela é o Outro.<sup>12</sup>

Em contraponto a essa lógica que entendemos a mulher como uma dimensão polissêmica, não uma categoria analítica fechada, classificável, encaixada em padrões abstratos ou reduzidas a definições binárias, cindidas – Somos infinitamente mais do que tais prescrições possam tentar enclausurar. Este foi o olhar lançado, dialogado e promovido durante as rodas de conversa, através das mediações promovidas. Um desafio perseguido de modo sistemático através das atividades coletivas, da problematização da realidade e da valorização dos saberes do cotidiano feminino.

Foi nesta atmosfera que apresentamos a proposta de avaliação através da escrita da Carta Pedagógica com o pressuposto básico de que:

[...] é que somente na medida em que (mulheres e homens) sentem e conhecem de maneira reflexiva seu próprio mundo particular, por havê-lo experimentado como mediação de uma práxis coletiva, transformadora, seu pensamento e sua expressão têm significado além deste mundo<sup>13</sup>.

O exercício proposto de colocar as/os participantes a pensar em *si*, na *outra* e em *seus/nossos mundos* não foi uma tarefa simples. É necessário levar em consideração que a maioria daquelas mulheres (e homens) estavam distantes de qualquer universo “formal” de ensino e que, além disso, muitas estavam vivendo situações complicadas no seio familiar (abandono, separação, violência doméstica, desemprego, depressão, baixa estima).

<sup>12</sup> BEAUVOIR, 1970, p. 10.

<sup>13</sup> FREIRE, 2001, p. 101.

Todo este contexto fez com que a proposta fosse estranhada de início, mas pela reciprocidade emergente presente no (auto)reconhecimento possível das necessidades comuns, das dores e dos desejos partilhados, foi possível viver uma experiência sororal significativa. Foi com base nestas trocas que o conhecimento circulou, onde se estabeleceu uma “[...] relação dialética entre o contexto concreto em que tal prática se dá e o contexto teórico, em que a reflexão crítica sobre aquele se faz.”<sup>14</sup>.

A escrita das cartas foi mediada por questões delineadas por nós educadoras para facilitar o resgate de uma memória de sensibilidade pedagógica visando ajudar as mulheres (e homens) a repensar seu processo formativo de modo a ver neles conteúdos libertadores. Estas questões referiam-se fundamentalmente a como elas tomaram conhecimento do curso, se conheciam a EcoSol, o que foi mais marcante naquele processo e o que poderia ter sido diferente. São alguns destes registros que compartilhamos a seguir.

## Relatos Sororais

*Prá mim foi ótimo entrar no curso de artesanato, muito mais que ótimo porque através do curso eu consegui me levantar, pois eu não estava me sentindo bem em casa e pude aprender coisas novas. E isso através da amiga Franciele que indicou a fazer o curso. (Participante M. O. - Curso Artesanato/2015)*

*Querida D. Constanca, eu quero lhe dizer que gostei muito de ter a senhora como amiga e espero que a senhora tenha gostado um pouco de mim. Sabe vou sempre me lembrar da senhora. Quero lhe agradecer pelos conselhos que me deu hoje na hora que eu cheguei nervosa [...] (Participante J. – Curso Camisetas Temáticas/2016)*

*Levo como aprendizado que pessoas diferentes podem ser iguais em projetos, em mudança de vida e todas querem o melhor para si e sua família. (Participante M. S. – Curso Gastronomia/2015)*

*Foi uma conquista ver que eu tinha capacidade de criar algo com as minhas mãos [...] Aprendi amizade, companheirismo, união, força, coragem de não desistir mesmo com problemas. (Participante S. S. S – Curso Camisetas temáticas/2015)*

*Ah! Aprendi também que quando se tem a oportunidade de fazer cursos um faz e ensina os demais do grupo. (Participante C. – Curso de Artesanato/2015)*

*O curso veio no momento difícil na minha vida pois estava entrando em depressão e tinha crises de pânico que me impediam de sair de casa. Não tinha mais vontade de fazer nada, só dormir [...] o curso mudou muito minha vida, melhorei muito psicologicamente, vejo o mundo mais colorido e alegre. Vou sentir falta de nossas tardes de aprendizado, das professoras e colegas, espero usar muito o que aprendi no curso. (Participante E. E. – Curso Artesanato/2016)*

---

<sup>14</sup> FREIRE, 1978, p. 111.

*Vou me lembrar das meninas, da professora e das tardes que eu passava com elas e me esquecia dos problemas. Hoje eu tenho asas para voar mais alto e conquistar um canto para mim [...] Descobri as diferenças entre os seres humanos que eu já tinha esquecido. Eu quero repartir com os outros o meu conhecimento isto para mim é economia solidária, o repartir; isto para mim é crescimento! (Participante M. T. P – Curso Gastronomia/2015)*

*Hoje eu consigo pintar um desenho na camiseta e este fica de ótima qualidade. Eu me descobri neste curso, pois jamais havia ocorrido minha capacidade de desenvolver um trabalho lindo e de qualidade que todos olham e me parabenizam. (Participante C. S. B. – Curso de Camisetas Temáticas/2015)*

## Considerações Finais

A vivência apresentada no presente artigo nos possibilitou perceber que a Economia Popular Solidária além de promover a solidariedade, comércio justo, autogestão, democracia, solidariedade, cooperação e o respeito à natureza promove um espaço de escuta e trocas onde o apoio mútuo surge como parte das estratégias de sobrevivência, como pode ser constatado nas falas das participantes.

Enquanto educadoras em nossos encontros a escuta interessada sempre esteve presente e o incentivo para que cada uma das educandas tivessem a oportunidade de dizer a sua palavra. Neste sentido, o escutar se tornou uma mediação fundamental, pois partimos do pressuposto que “Valorizar o diferente de nós é absolutamente fundamental para o exercício da autonomia [...] a professora que fecha seus ouvidos à dor, à indecisão, à angústia, à curiosidade do diferente, mata no diferente a possibilidade de ser.”<sup>15</sup>

Esta experiência colocou as mulheres (e homens) em situação de se ouvir, de ouvir as outras e falar de dimensões do cotidiano que comumente são ignoradas por já fazerem parte de um circuito vicioso que aliena a vida a viver no automático. Os conflitos fizeram parte deste processo como elementos (conteúdos) que careciam ser assumidos, trabalhados e, na medida do possível, superados pelas participantes.

Nossa postura possibilitou enxergar histórias, processos e contradições das mulheres em nossos encontros de modo pedagógico. É possível visualizar isso através das cartas pedagógicas que denunciaram diversas situações de opressão e anunciaram tempos de libertação através da sororidade e da solidariedade. Contudo, fica o desafio da continuidade de processos formativos participativos como estes. O Movimento Social da Economia Popular Solidária em São Leopoldo/RS é considerado em nível Nacional uma

<sup>15</sup> SAUL, Ana Maria. Escutar [Verbete]. In: STRECK, Danilo *et al* (Orgs.). *Dicionário Paulo Freire*. 2010, p. 161.

referência pela sua organização, trajetória de lutas pela construção de políticas públicas e execução de projetos e programas sociais, econômicos e educativos. Nada dado, tudo conquista. Esta experiência faz parte deste processo que carece de valorização e visibilidade.

## Referências

BEAUVOIR, Simone de. *Segundo sexo: fatos e mitos*. 4 ed. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1970.

BRASIL. *Termo de Referência de Educação em Economia Solidária – Recomendação nº 08, de 04 de julho de 2012*.

FANON, Frantz. *Os Condenados da Terra*. Coleção Perspectivas do Homem, vol. 42, Série Política. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.

FREIRE, Paulo. *Cartas a Guiné-Bissau: registros de uma experiência em processo*. 2 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

\_\_\_\_\_. *Pedagogia da Autonomia - Saberes Necessários à Prática Educativa*. 36 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

\_\_\_\_\_. *Pedagogia da indignação: cartas pedagógicas e outros escritos*. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

\_\_\_\_\_. *Conscientização: teoria e pratica da libertação: uma introdução ao pensamento de Paulo Freire*. São Paulo: Centauro, 2001.

\_\_\_\_\_. *Ação cultural para a liberdade e outros escritos*. 13 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2010.

LAGARDE, Marcela. Sororidad. In: CASTRO, Amanda Motta; MACHADO, Rita de Cassia (Orgs.). *Estudos Feministas, mulheres e Educação Popular*. Curitiba: CRV, 2016a.

\_\_\_\_\_. Enemistad y sororidad: Hacia una nueva cultura feminista. In: CASTRO, Amanda Motta; MACHADO, Rita de Cassia (Orgs.). *Estudos Feministas, mulheres e Educação Popular*. Curitiba: CRV, 2016b.

MERLEAU-PONTY, Maurice. *Fenomenologia da Percepção*. Trad. Reginaldo di Piero. São Paulo: Edições Gallimard, 1971.

SAUL, Ana Maria. Escutar [Verbete]. In: STRECK, Danilo *et al* (Orgs.). *Dicionário Paulo Freire*. 2010.